

***Acta Semiotica et linguística* Entrevista o Prof. Dr. José Américo Bezerra Saraiva – Professor de Semiótica e Linguística do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará**



**Prof. Dr. José Américo Bezerra Saraiva**

**ASEL: Como você conheceu a semiótica greimasiana?**

**Prof. Américo:** Meu primeiro contato com a teoria semiótica concebida e elaborada por Algirdas Julien Greimas e seus colaboradores se deu no Curso de Graduação em Letras da Universidade Federal do Ceará (UFC) pela leitura do clássico *Fundamentos de Linguística Contemporânea*, de Edward Lopes, nos idos de 1980. O sexto capítulo desse livro, dedicado à semântica, fornece, na seção intitulada “A semântica estrutural de Greimas”, uma prévia da estrutura elementar da significação proposta pelo mestre lituano. Fiquei então encantado com o rigor e o alcance das postulações. Logo depois, fui à biblioteca do curso procurar o livro *Semântica estrutural* com o propósito de somente bater o terreno para uma primeira compreensão da teoria. No entanto, só me dediquei mesmo a ler com mais atenção a obra de Greimas em 1997, quando, já professor da UFC, pesquisei, no Mestrado, por sugestão do saudoso amigo e orientador Paulo Mosânio Teixeira Duarte, a seleção lexical em algumas letras de canção de Caetano Veloso, tendo como noção norteadora do estudo a função poética de Roman Jakobson. Nessa ocasião, muito embora tivesse algum conhecimento das postulações de Greimas, fiz escasso uso delas. Priorizei, na verdade, as muitas leituras que já havia feito da obra de Umberto Eco e, mais especificamente, utilizei seus dois conceitos centrais (dicionário e enciclopédia) para tratar da repercussão semântica das equivalências fono-morfo-sintáticas nas letras. Ressenti-me, porém, de não ter podido explorar a dimensão musical da canção, sobretudo porque nessa altura tinha tido os primeiros contatos com a Semiótica da Canção, elaborada por Luiz Tatit. O desejo de estudar a dimensão musical se intensificou quando Diana Luz Pessoa de Barros, membro da banca examinadora de minha dissertação, recomendou que eu lesse a obra de Luiz Tatit, colega seu no Departamento de Linguística da USP. Aliado a isso,

o fato de eu identificar na obra do Umberto Eco mais erudição que precisão descritiva me fazia buscar ainda uma orientação teórica que estivesse efetivamente preocupada com a coesão interna de seu universo conceitual, o que me pareceu ser o caso da semiótica greimasiana. A partir deste momento comecei a ler, sistematicamente, as obras de Greimas e de Tatit, e mais tudo sobre a teoria semiótica greimasiana que estava ao meu alcance. No doutoramento, é que fiz uso efetivo das teorias da Semiótica Discursiva e da Semiótica da Canção ao estudar a constituição da identidade de um enunciador coletivo na produção do grupo de cancionistas Pessoal do Ceará. Durante o curso acessei toda bibliografia que me permitiu a internet e fiz enviarem-me livros, teses e dissertações não disponíveis na forma digital. Ou seja, realizei toda sorte de leitura que estava ao meu alcance. Inseguro quanto ao texto que escrevia — faltava-me a sanção do especialista —, foi somente no momento da defesa do trabalho de tese, para a qual foram convidados dois experientes semioticistas (o professor Ivã Carlos Lopes, da USP, e a professora Maria de Fátima Barbosa de Mesquita Batista, da UFPB), que pude de fato saber se o que eu estava fazendo no Doutorado em Linguística da UFC, por minha conta e risco, tinha algum proveito. Para minha surpresa e agrado, a banca examinadora, e mais especificamente os dois especialistas que a compunham, cancelaram o trabalho solitário que eu havia feito na UFC, considerando-o relevante para a área, atualizado do ponto de vista teórico, metodologicamente bem conduzido e analiticamente exaustivo. Desse momento em diante, ganhei ânimo para participar da cena semiótica brasileira, comparecendo a ou promovendo eventos, implantando e lecionando disciplinas na Graduação em Letras e na Pós-Graduação em Linguística, fundando e coordenando o Grupo de Estudos Semióticos da Universidade Federal do Ceará (Semioce), publicando livros e artigos e formando novos pesquisadores. Creio, na verdade, que todo aquele que lida com a teoria semiótica greimasiana tem hoje tarefas urgentes a cumprir: difundir a teoria, pois, a meu ver, a qualidade e o rigor do pensamento e do método que a animam pode garantir certa “cientificidade” no que tange à pesquisa sobre o sentido; mostrar as vantagens de seu poder descritivo pela aplicação aos mais variados conjuntos significantes; dar provas de seu alto poder heurístico referentemente às formas que o sentido pode assumir. Precisamos continuar o trabalho dos grandes implementadores e mantenedores da semiótica greimasiana no Brasil.

Nomeadamente: Edward Lopes, Eduardo Peñuela Cañizal, Ignácio de Assis Silva, Cidmar Teodoro Pais, Diana Luz Pessoa de Barros, Luiz Fiorin, Luiz Tatit, Lúcia Teixeira, entre outros. No Semioce, costumamos chamá-los de “heróis da resistência” porque foram firmes combatentes num período em que a onda antiestruturalista ganhava força e ameaçava qualquer proposta de estudo do sentido vinculada à tradição saussuriana. Em reconhecimento ao trabalho prestado por esses professores-pesquisadores, o Semioce vem promovendo alguns colóquios em Fortaleza. Um foi exclusivamente dedicado à obra de Edward Lopes; outro, à de José Luiz Fiorin; outro ainda, a se realizar em junho de 2019, será dedicado à obra de Diana Luz Pessoa de Barros, a homenageada da vez.

**ASEL A semiótica greimasiana tem muitos adeptos no Brasil. Poderia nos dizer algo sobre o assunto?**

**Prof. Américo:** Existem núcleos importantes de estudo semióticos greimasianos no país. O que primeiro merece menção é o GESUP, o Grupo de Estudos Semióticos da USP. Pertence a ele o pesquisador que reputo ser o maior animador da semiótica brasileira no momento, Ivã Carlos Lopes. Com efeito, nos últimos anos esse pesquisador tem agregado gente de compromisso em torno de si; tem estado na proa da organização de muitos eventos nacionais e internacionais; e tem, ao lado de Waldir Bevidas e Luiz Tatit, traduzido livros fundamentais para nossa área de estudo. Julgo ser este o principal grupo de estudos de semiótica greimasiana entre nós. Outros grupos de destacada atuação merecem referência, como, por exemplo: o SEDI, Grupo de Semiótica e Discurso, da Universidade Federal Fluminense; o NUPES – Núcleo de Pesquisa em Semiótica, da Universidade Federal do Rio de Janeiro; o CPS – Centro de Pesquisa Sociosemiótica, da PUC-SP; os CASA – Cadernos de Semiótica Aplicada, da Unesp de Araraquara; o SEMIOMS – Grupo de Estudos Semióticos da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul; o TEXTO LIVRE – SEMIÓTICA E TECNOLOGIA, da Universidade Federal de Minas Gerais; o GESTO – Grupo de Estudos do Sentido, da Universidade Federal do Tocantins; o SEMIÓTICA DA NARRATIVA VERBAL E VISUAL, da Universidade Estadual de Londrina, etc. Além dos grupos sediados em universidades brasileiras de tradição em pesquisa, registrados na plataforma lattes, outros tantos semioticistas atuam em suas respectivas instituições de pesquisa nas diferentes regiões do país,

embora não estejam diretamente vinculados a grupos de estudos especificamente semióticos.

**ASEL) O senhor se inclui em um grupo de trabalho nacional. Pode descrevê-lo?**

**Prof. Américo.** Conforme disse, coordeno, ao lado de Ricardo Lopes Leite, o SEMIOCE – Grupo de Estudos Semióticos da Universidade Federal do Ceará. Trata-se de um grupo de pesquisa criado em 2008 e que está vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará. Ele dá primazia à Semiótica greimasiana em virtude do alto teor heurístico do método de análise desenvolvido em seus domínios. No entanto, por seguir o firme propósito de não compartimentalizar o saber, investe na permeabilidade entre a Semiótica, em suas diversas vertentes, e outras disciplinas cujo foco de pesquisa seja a geração do sentido. O grupo promove encontros semanais e abriga outros subgrupos de pesquisa voltados para a literatura, as artes plásticas, a fotografia, o audiovisual e a canção. Conforme disse, em 2011, o grupo realizou o I Colóquio Cearense de Semiótica em homenagem ao semioticista brasileiro Edward Lopes. Em 2012, promoveu o II Colóquio Cearense de Semiótica, com a participação de vários semioticistas brasileiros e do belga Sémir Badir, da Universidade de Liège-Bélgica, profundo conhecedor da obra do linguista dinamarquês Hjelmslev. Em 2013, trouxe à Fortaleza o teórico francês Claude Zilberberg, criador da vertente tensiva da Semiótica greimasiana. Em 2014, realizou a terceira edição do Colóquio Cearense de Semiótica, desta vez, em homenagem ao semioticista brasileiro José Luiz Fiorin. Vários pesquisadores nacionais e internacionais foram convidados para minicursos, conferências e palestras. O já citado Sémir Badir esteve conosco em três ocasiões, em duas das quais ministrou minicursos para os membros do Semioce. Jacques Fontanille, da Universidade de Limoges-França, Maria Giulia Dondero, da Universidade de Liège-Bélgica, Alain Herreman, da Universidade de Rennes I-França, estiveram em Fortaleza para participar de eventos promovidos pelo nosso grupo de pesquisa. No mês de outubro do corrente ano, realizou-se uma jornada de estudos para comemorar os dez anos de vida do grupo na qual pudemos contar com a presença e apresentação de trabalhos dos pesquisadores que estão ou passaram pelo grupo. Pela atuação do nosso grupo de pesquisa junto ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFC, já se formaram vários

mestres e doutores durante esses dez anos de existência. Cumpre também fazer menção a uma exitosa experiência pedagógica do Semioce, representado pelo pesquisador Ricardo Leite e por mim. Promovemos durante sete anos consecutivos um curso de Semiótica da Canção, integrado ao Projeto José Aparecido de Oliveira (UFC/UFRGS/CAPES), para professores do Ensino Fundamental e Médio de países africanos lusófonos: Cabo Verde, Angola, São Tomé e Príncipe, Moçambique e Guiné. Dessa experiência resultaram sete CDs confeccionados exclusivamente pelos alunos-professores. Para além dessas atividades, tenho a honra de dividir com Ivã Carlos Lopes a função de editor chefe da revista *Estudos Semióticos* da USP, desde 2013.

### **ASEL) Qual a importância de Tatit no cenário nacional?**

**Prof. Américo.** A senhora cita um nome importante para a semiótica brasileira. Penso que, ao lado dos nomes de Edward Lopes, Eduardo Peñuela Cañizal, Ignácio de Assis Silva, Cidmar Teodoro Pais, Diana Luz Pessoa de Barros e Luiz Fiorin, os chamados, por nós do Semioce, “heróis da resistência”, Luiz Tatit é, sem sombra de dúvida, o grande semioticista brasileiro de linha greimasiana da atualidade. Ele tem o mérito de haver elaborado um modo original de abordagem da canção. Sua *Semiótica da Canção*, criada sob a égide da Semiótica greimasiana, a partir das contribuições igualmente originais de Claude Zilberberg, pai da Semiótica Tensiva, tem sido fundamental para o estudo daquele que é, no Brasil, um dos principais meios de expressão cultural: a canção popular. Os livros e artigos escritos por Luiz Tatit forjam um corpo categorial mínimo de alta rentabilidade analítica para o estudo da canção como objeto semiótico sincrético de duas linguagens: a verbal e a musical. Dessa alta rentabilidade analítica tem-se exemplo já nos textos do próprio Tatit, pois cada postulação teórica sua se faz acompanhar da devida aplicação a canções extraídas do rico e variado repertório brasileiro. Tatit foi e é presença incontornável na semiótica tupiniquim, principalmente para quem deseja estudar a canção como objeto semiótico integral, cujos efeitos de sentido resultam da interação das oscilações rítmico-melódicas com o conteúdo verbal veiculado pela letra. Adaptando a classificação de Ezra Pound para cá, eu diria que Luiz Tatit é simultaneamente mestre e inventor.

**ASEL) O senhor conheceu alguns precursores desses que figuram no cenário nacional. Quem o senhor citaria?**

**Prof. Américo.** Conheci e conheço muitos desses “heróis da resistência”. Alguns já aposentados, como é o caso de Edward Lopes, a quem o Semioce pôde homenagear em 2011, como disse. Aliás, uma das minhas grandes alegrias foi ter um livro prefaciado por ele. Diana Luz Pessoa de Barros, por exemplo, que eu já havia conhecido na defesa de minha dissertação, em 1998, participou da homenagem a Edward Lopes em Fortaleza e, anos depois, me deu uma segunda alegria ao escrever a apresentação de outro livro meu. Hoje, por participar da cena semiótica brasileira, tenho a oportunidade de estabelecer contato com vários dos grandes nomes da área. Mas devo confessar que sempre é, com reverência, que penso naqueles que estabeleceram e mantiveram o projeto semiótico no Brasil, cujos nomes já declinei aqui. Para além de ter sido um modo de “ganhar o pão” honestamente, como disse certa vez Edward Lopes, a inestimável contribuição desses semioticistas da primeira hora, alguns ainda bastante atuantes, é que tornou possível o que fazemos hoje na academia, razão inclusive da presente entrevista que concedo.

**ASEL) O senhor conheceu Cidmar Teodoro Pais?**

**Prof. Américo.** Vi o professor Cidmar Teodoro Pais uma única vez. Foi quando o meu saudoso orientador de mestrado Paulo Mosânio Teixeira Duarte prestou o concurso para a vaga de Professor Titular do Departamento de Letras Vernáculas da UFC, ainda na década de 1990. Eu estava na Chefia do Departamento e precisava compor a banca. Então, telefonei para o professor Cidmar Teodoro Pais e para a professora Maria Aparecida Barbosa e os convidei para participarem do concurso. Eles aceitaram. Aí, foram dois dias de contato. Claro que, para a indicação dos nomes que comporiam aquela banca, tive que pesquisar o *curriculum* de cada um dos nomes apresentados. Ao fazê-lo pude ver a importância do professor Cidmar Teodoro Pais para a linguística brasileira. Era um nome de relevo e estava na proa da semiótica brasileira. Mas o meu interesse pela área só chegaria alguns anos depois.